

SIGNIFICADOS DA VIVÊNCIA DO AMAMENTAR ENTRE AS ENFERMEIRAS DA ÁREA MATERNO-INFANTIL

MEANINGS OF THE EXPERIENCE OF BREASTFEEDING AMONG NURSES IN MATERNAL AND CHILD HEALTHCARE

LOS SIGNIFICADOS DE LA EXPERIENCIA DE LA LACTANCIA MATERNA ENTRE LAS ENFERMERAS EN SALUD MATERNO-INFANTIL

Camila Silva Barros^I
Patrícia Pereira Queiroz^{II}
Marly Javorski^{III}
Maria Gorete Lucena de Vasconcelos^{IV}
Eliane Maria Ribeiro Vasconcelos^V
Cleide Maria Pontes^{VI}

RESUMO: Apesar da complexidade dos determinantes, a escolaridade é apontada como fator positivo no sucesso do aleitamento materno. Assim, o objetivo deste estudo qualitativo foi compreender os significados sobre a vivência do amamentar entre as enfermeiras da área materno-infantil. Para a coleta de dados, em 2009, realizamos entrevista semiestruturada com oito enfermeiras, funcionárias de um hospital universitário, em Recife, Pernambuco. As falas foram submetidas à análise de conteúdo temática e interpretadas a partir dos constructos da Teoria das Representações Sociais. Da reinterpretação e resignificação do amamentar para as enfermeiras, emergiram quatro temas: o poder dos peitos; realização pessoal permeada pela ambivalência de sentimentos; rede social; o ser mulher, mãe e enfermeira. O estudo revelou que as enfermeiras, ao se tornarem nutrizes vivenciaram a amamentação de maneira semelhante às mulheres que não têm o ensino superior.

Palavras-chave: Aleitamento materno; enfermagem; enfermagem obstétrica; pesquisa qualitativa.

ABSTRACT: Despite the complex determinants concerning a successful breastfeeding, education is seen as a positive factor. Therefore the present qualitative study aimed to understand the meanings of the experience of breastfeeding among nurses from maternal and child healthcare. For data collection, in 2009, semistructured interviews were conducted with eight nurses, employees of a university hospital in Recife, Pernambuco. The statements were analysed by thematic content analysis and interpreted based on the Theory of Social Representations. In the reinterpretation and redefinition of nursing for nurses, four themes emerged: the power of the breasts; personal satisfaction permeated by feelings of ambivalence; social support network; being woman, mother and nurse. The study pointed out that nurses, when become breastfeeding mothers, experienced breastfeeding similarly to women who do not have high level education.

Keywords: Breast feeding; Nursing; Obstetrical nursing; Qualitative research.

RESUMEN: Apesar de la complejidad de los determinantes, la educación es identificada como un factor positivo en el éxito de la lactancia. El objetivo de este estudio cualitativo fue comprender el significado de la lactancia materna entre las enfermeras de salud materno-infantil. Para recopilar los datos, en 2009, se llevaron a cabo entrevistas semi-estructuradas con ocho enfermeras, empleadas de un hospital universitario de Recife, Pernambuco. Los discursos fueron sometidos a análisis de contenido temático e interpretados a partir de los constructos de la Teoría de las Representaciones Sociales. Desde la reinterpretación y redefinición de enfermería para las enfermeras, cuatro núcleos temáticos han surgido: el poder de los senos; la realización personal impregnada de sentimientos de ambivalencia; red social; ser mujer, madre y enfermera. El estudio reveló que las enfermeras, para convertirse en madres con experiencia de lactancia materna de manera similar a las mujeres que no tienen educación superior.

Palabras clave: Lactancia materna; Enfermería; Enfermería obstétrica; Investigación cualitativa.

INTRODUÇÃO

A amamentação é um dos fatores determinantes para um crescimento adequado e saudável do ser humano. É fator protetor contra a morbidade-mortalidade

infantil, fornecendo inúmeros benefícios para a saúde da criança¹, da mulher² e consequentemente para a sociedade.

^IMestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: milasharr@hotmail.com.

^{II}Mestre em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: patriciapereiraq@yahoo.com.br.

^{III}Mestre em Enfermagem. Aluna do Doutorado Interinstitucional Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal de Pernambuco. Professora Adjunta IV do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: marly.11j@gmail.com.

^{IV}Doutora em Enfermagem. Professora Associada I do Departamento de Enfermagem e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: mariagoretevasconcelos@gmail.com.

^VDoutora em Enfermagem. Professora Adjunta I do Departamento de Enfermagem e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: emr.vasconcelos@gmail.com.

^{VI}Enfermeira obstetra. Doutora em Nutrição. Professora Titular do Departamento de Enfermagem e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: cmpontes@hotmail.com.br.

O conhecimento sobre amamentação relaciona-se à cultura, experiências e informações recebidas, principalmente, durante o pré-natal. As enfermeiras da área materno-infantil, teoricamente detêm este conhecimento e em sua prática profissional atuam como promotoras da amamentação. Apesar do consenso de que a escolaridade e o nível socioeconômico da mãe podem influenciar na prática do aleitamento materno, existem evidências de que o desmame precoce ocorre entre mulheres de nível socioeconômico alto³.

De certa forma, a sociedade representa o sucesso da amamentação em nutrízes, profissionais da saúde, como natural, afinal são elas que produzem e reproduzem o conhecimento desta prática. Entretanto, o conhecimento teórico parece não garantir a prática da amamentação quando as profissionais de saúde vivenciam o ser mãe/nutriz. A partir desta reflexão, indagamos: o que acontece quando as enfermeiras assumem o papel de nutrízes?

A investigação da vivência de enfermeiras no amamentar, ajudará a compreensão do fenômeno da amamentação, podendo fornecer subsídios para melhorar a abordagem e as intervenções de enfermagem prestadas às nutrízes, contribuindo para a promoção, proteção e apoio à amamentação, independente da escolaridade da mulher. Assim, o objetivo deste estudo foi compreender os significados sobre a vivência do amamentar entre as enfermeiras da área materno-infantil.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os construtos da teoria das representações sociais permitem ao pesquisador explorar e compreender a subjetividade que permeiam a elaboração e significação de fenômenos psicossociais, entre estes, a prática de amamentar.

Neste contexto, entende-se que as representações sociais fazem parte do senso comum transpondo as relações humanas nas diferentes esferas sociais. Vale destacar que a compreensão do senso comum se coloca como essencial para o entendimento do contexto em que os fenômenos são construídos se consideramos que os sujeitos envolvidos nas relações humanas os criam e os recriam, já que são agentes ativos no processo de representação da realidade⁴.

As representações sociais também são consideradas como pertinentes na abordagem de pesquisas no campo social, capaz de revelar dados sociais, considerando a compreensão do indivíduo além das características biomédicas. Tal pertinência faz das representações sociais um referencial teórico apropriado para a investigação na área da saúde⁵.

Nessa perspectiva, o conhecimento do aleitamento materno, é entendido como construção social, dada por indivíduos em constante interação. Trata-se tanto do conhecimento científico quanto do senso comum,

construídos através da relação dos sujeitos com sua cultura, crenças e tabus, determinando diferentes significados da amamentação para a mulher⁶. Tendo em vista as evidências científicas dos benefícios do aleitamento materno para a espécie humana e o abandono dessa prática, em muitas sociedades modernas, é importante compreendê-lo dentro de um contexto sócio-econômico-cultural no qual a mulher está inserida⁷.

Assim, os significados sobre a amamentação estão sendo construídos coletivamente, não sendo a simples reprodução do discurso técnico científico. A forma como cada mãe/nutriz representa a prática da amamentação é resultado da construção dela como sujeito social, inserida num contexto onde circulam o conhecimento científico, a cultura, as crenças e tabus, que permeiam as trocas nas relações cotidianas.

METODOLOGIA

Estudo descritivo conduzido pela abordagem qualitativa, por possibilitar a compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social⁸.

O número de participantes, estabelecido pelo critério de saturação dos dados⁸, foram oito enfermeiras que atuavam na área materno-infantil, de um hospital universitário, em Pernambuco, região do nordeste do Brasil. Eram mães biológicas, que amamentaram seu último filho, independente do período de duração desta prática. Foram excluídas as enfermeiras que tiveram filhos prematuros ou com alguma patologia que dificultasse o início da amamentação.

Para coleta de dados, realizada entre junho e julho de 2009, foi utilizada a entrevista semiestruturada⁸ guiada por um roteiro, contendo perguntas fechadas, para a caracterização das entrevistadas e a duração da amamentação do filho, e duas questões norteadoras: o que significou para você amamentar seu filho? Quais os fatores facilitadores e os dificultadores durante o amamentar do seu filho? As falas gravadas foram transcritas na íntegra, submetidas à análise de conteúdo, na modalidade temática⁹ e interpretadas à luz dos construtos da teoria das representações sociais¹⁰.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (0292.0.172.000-08). Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e receberam a codificação expressa pela letra E seguida de um número, de acordo com a sequência das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A idade das oito enfermeiras entrevistadas variou entre 30 e 43 anos, sete eram casadas e possuíam de um a dois filhos. Em relação à amamentação exclusiva a

média de tempo foi de quatro meses, e o tempo da duração total da amamentação foi de um ano. Todas tiveram direito a licença à maternidade de quatro meses e após o término, trabalharam enquanto mantiveram a amamentação. Quatro delas tinham mais de um emprego durante o período total de amamentação. Apenas três enfermeiras participaram de curso de capacitação em aleitamento materno.

O tempo de formada situou-se entre sete e vinte e um anos; a maioria delas trabalhava em média há oito anos na área materno-infantil. Quanto à titulação, todos eram especialistas, sendo cinco em saúde da criança, duas em terapia intensiva e uma em saúde pública.

Da análise das falas emergiram quatro categorias temáticas: o poder dos peitos; realização pessoal permeada pela ambivalência de sentimentos; rede social; o ser mulher, mãe e enfermeira.

O poder dos peitos

Um dos significados atribuídos para amamentar o filho foi o poder que a mãe tem sobre o filho, sugerindo o empoderamento que a amamentação pode trazer para algumas nutrizes. O sentimento de que só ela pode amamentá-lo ao peito, só ela possui o leite, mostra uma relação de dependência do filho com a mãe:

[...] muito gostoso, você vê que o bebê está ali, está pertinho de você, completamente dependente de você [...] (E1).

Este poder foi emergido em outras falas, pelo poder dos peitos em fornecer o melhor alimento, o leite materno, que protege à saúde do seu filho:

[...] aquele sentimento de estar fazendo o melhor por seu filho, de estar oferecendo o melhor alimento, e protegendo contra inúmeras doenças [...] (E2).

A construção social da amamentação é elaborada dentro das interações sociais, pelos valores, crenças, estrato social e nível sociocultural, partilhados por um grupo, dando lugar a uma visão comum das coisas¹⁰. Assim, o processo da amamentação é envolvido por diferentes significados, ideologias, crenças e mitos, sendo influenciado, principalmente, pela história de vida e pelo contexto no qual os sujeitos, que o vivenciam, estão inseridos¹¹.

As representações do amamentar para as enfermeiras/nutrizes deste estudo revelaram significados das vivências de sua prática pessoal, representado pelo empoderamento materno, o poder de amamentar seu filho, pois das suas mamas jorra o líquido precioso que nutre a vida, conferindo-lhes a sensação de superioridade.

Realização pessoal permeada pela ambivalência de sentimentos

As representações sociais das nutrizes traduzem a vivência do cotidiano, e são entendidas como a maneira de viver dos seres humanos que se mostra no dia a dia, envolvida por interações, crenças, valores, imagens,

significados e símbolos, os quais estão relacionados à cultura em que os sujeitos estão inseridos, construindo seu processo de viver¹⁰. Nesse estudo, as enfermeiras representaram a amamentação pela satisfação pessoal relatada pela realização, gratificação e prazer:

[...] foi uma experiência muito gratificante, primeiro eu sempre pensei em amamentar, você se sente bem, você se sente realizada, que você faz com prazer, não por obrigação [...] (E3).

Ainda completando esta realização pessoal mencionaram que a amamentação favorece uma maior aproximação afetiva entre mãe e filho. Esta representação também foi mencionada por mulheres que na sua maioria não possuía o ensino superior¹¹:

[...] É realmente uma coisa muito interessante, muito mágica, muito gratificante, porque você vê quanto o elo entre a mãe e o bebê se torna mais íntimos [...] (E4).

No entanto, a realização pessoal advinda da amamentação foi permeada pela ambivalência de sentimentos, devido às alterações do cotidiano, as complicações mamárias e as limitações encontradas durante o amamentar:

[...] No início, foi bastante difícil, porque eu tive fissura mamária, eu pensei até em desistir, meu peito feriu, ele (bebê) tinha dificuldade na pega... Mas, depois que passou essa dificuldade... foi gostoso [...] (E5).

Neste contexto, as enfermeiras deste estudo representaram o fenômeno da amamentação deslocando significados, sendo capazes de expressar as representações positivas, as dificuldades e os sentimentos contraditórios presentes na vivência da amamentação. Com relativa frequência, as mulheres, ao se referirem à amamentação, comumente, descrevem a vivência desta prática carregada de contradições, podendo interferir no aleitamento¹².

A sociedade vê a amamentação como uma prática natural, no entanto, o processo do amamentar envolve diversas situações que vão direcionar os sentimentos das nutrizes. Apesar destas mulheres se sentirem realizadas por estarem amamentando, elas podem ter sentimentos negativos. Sentimentos que vão estar relacionados com as modificações e dificuldades decorrentes do próprio processo da amamentação.

O esforço físico, o cansaço, a limitação do desempenho de suas atividades, incluindo o cuidado com o próprio corpo são vistos de forma negativa. Já o contato físico é prazeroso para a mãe, pois possibilita maior ligação afetiva entre ela e a criança⁵. Desta forma, os aspectos mais difíceis do processo de amamentar devem ser considerados por todos que cuidam das nutrizes e de seus bebês, tendo a clareza que amamentar para muitas mulheres, inclusive para enfermeiras, não é somente uma vivência romantizada.

Rede social

A trajetória da amamentação foi influenciada por fatores que facilitaram ou dificultaram o amamentar.

Entre esses fatores a rede social, formada pelos familiares, companheiro e profissionais de saúde, foi importante para o sucesso ou não dessa prática. A maioria das enfermeiras deste estudo desvendou que o apoio familiar e o do companheiro foram facilitadores para a manutenção da amamentação, por meio do incentivo e suporte emocional. Porém, também referiram que a ausência de apoio do companheiro foi um fator dificultador para a amamentação:

[...] outro ponto facilitador é a rede de apoio, a família, principalmente minha mãe, que com sua experiência me incentivou e me apoiou nesse processo [...] (E2).

[...] você tem que ter apoio, você bota para mamar, você às vezes está cansada, o marido ali te ajudando, ajuda muito [...] (E8).

[...] Realmente a importância dos familiares, nesse momento, principalmente do companheiro. Eu não tive o apoio dele [...] (E4).

Os significados apreendidos nos depoimentos das enfermeiras remetem as representações sociais presentes na vivência do processo da amamentação, pois as nutrizes sofrem inúmeras influências do entorno social, que interferem, muitas vezes, na decisão para amamentar. Sob este aspecto, as representações sociais podem influenciar o comportamento de um indivíduo participante de uma coletividade¹³. Neste estudo a interferência do coletivo foi evidenciada pela rede social das enfermeiras.

Nesse sentido, a rede social tem papel fundamental durante esse processo da amamentação, que para as mulheres desse estudo teve influência positiva e negativa. Porém, esta rede, muitas vezes, impõe o que é apreendido pelo senso comum, como exemplo, o discurso da amamentação centrado no modelo biomédico. Desta forma, a rede social vai interferir diretamente na amamentação, favorecendo essa prática por meio do apoio à nutriz, ou pode dificultar, quando não participam efetivamente desse processo. Nesta rede a presença do companheiro é reconhecida como auxílio valioso na amamentação, por meio do envolvimento, acolhimento, escuta, compreensão e ajuda¹⁴. Neste estudo, o companheiro além de ser apoiador foi identificado como dificultador do amamentar devido a sua ausência desta prática.

A ajuda da rede social da mulher nas atividades cotidianas cria um ambiente mais tranquilo, menos sobrecarregado para ela, favorecendo o desempenho do seu novo papel – o de mãe – e permitindo também maior tempo disponível para dedicação à amamentação¹⁵.

Outro fator dificultador apontado pelas enfermeiras deste estudo foi a falta de orientações dos profissionais de saúde sobre amamentação:

[...] Eu acho o que a gente precisa é investir nos pré-natais, é porque o que eu observo, é que muitas

vezes os obstetras não orientam em relação a isso, então a mulher passa nove meses sem ser orientada em relação à amamentação [...] (E4).

Diante das falas das entrevistadas percebemos que os profissionais envolvidos no cuidado pré-natal deixaram de fornecer informações sobre a amamentação, talvez por serem elas profissionais da área materno-infantil. Mesmo assim, as enfermeiras tinham direito as orientações como qualquer outra gestante.

Estes profissionais de saúde têm papel fundamental na promoção da amamentação, devendo fornecer informações às gestantes e puérperas, de todas as classes sociais e escolaridade, deixando de lado o discurso idealizado, evidenciando tanto os benefícios dessa prática, quanto as dificuldades que poderão surgir nesse período.

Além disso, os profissionais que cuidam das mulheres no período gravídico-puerperal não deveriam selecionar as informações, uma vez que, todas as nutrizes, independente da formação profissional necessitam de apoio e orientações. Os sujeitos compreendem e interpretam diferentes situações na qual se encontram não se comportando de maneira semelhante diante de um procedimento que permanece idêntico, eles se organizam de acordo com a sua representação¹³. Assim sendo, é preciso lembrar que mesmo sendo profissionais que orientam e colaboram na construção das representações sobre o aleitamento materno, as enfermeiras precisam de apoio, pois frente às dificuldades é frequente os sujeitos redefinirem suas práticas adotando novas representações.

Nesse sentido, destaca-se o papel dos profissionais de saúde como incentivadores e coadjuvantes do aleitamento materno, de modo a possibilitar uma maior segurança à mulher-mãe em relação a sua capacidade de amamentar, implementando ações para o sucesso do aleitamento materno e da promoção da saúde¹⁶.

O ser mulher, mãe e enfermeira

A compreensão do senso comum é condição para entendermos a realidade social. A identificação dos fatores facilitadores e dificultadores da amamentação permitiram-nos compreender a nutriz como mulher, mãe e profissional, onde foi observada a tentativa de conciliar estes múltiplos papéis com o amamentar. Esta conciliação foi desvelada pelos facilitadores da amamentação, a vontade de amamentar o filho e a experiência materna anterior, estando relacionados ao ser mulher e mãe:

[...] a sua boa vontade, de tentar fazer direitinho, de tentar se esforçar para amamentar [...] (E5).

[...] a experiência anterior, que como não foi meu primeiro filho, eu já tinha prática para amamentar [...] (E6).

Algumas situações envolvendo a nutriz, dentre elas, as complicações mamárias, a ansiedade, as modificações do cotidiano e no corpo da mulher foram apontadas como dificuldades encontradas para amamentar:

[...] as dificuldades são as fissuras mamárias, a pega, se o peito não tiver todo aquele formato ideal para amamentação, junto com isso, com as dificuldades vem a ansiedade, você fica nervosa, e acaba no início tendo alguns problemas [...] (E5).

[...] Você é só para aquela criança, exclusiva 24 horas, fica com cheiro de leite pelo corpo, se o bebê chora você já vai lá dar o peito, então você tem que ter muita força de vontade [...] (E1).

Também o ser enfermeira facilita e dificulta, ao mesmo tempo, a prática da amamentação. A facilidade é descrita pelo conhecimento adquirido com a profissão:

[...] facilitadores, eu acho que já por ser da área de saúde, de já ter experiência, porque quando eu amamentei ela, eu já trabalhava na enfermagem, já tinha feito meu curso de saúde da criança, então assim eu tinha uma noção melhor das intercorrências [...] (E7).

Apesar desta facilidade de ter adquirido os conhecimentos sobre o valor inquestionável do leite materno e da amamentação, durante o Curso de Graduação em Enfermagem e no exercício da prática profissional, algumas enfermeiras não conseguiram amamentar o seu filho por dois anos ou mais. Portanto, a representação do conhecimento sobre amamentação, partilhada especialmente pelas profissionais de saúde, nem sempre garante que sejam capazes de amamentar conforme as regras estabelecidas pela academia. Estas representações foram encontradas em estudos onde a maioria das mulheres não tinha ocupação formal¹⁶ e a média de escolaridade era oito anos^{7,11}.

Dessa maneira, cada nutriz, independente de ser profissional de saúde é antes de tudo mulher e, portanto poderá impor sua subjetividade na maneira de interpretar tanto o senso comum, como o conhecimento que possui sobre a amamentação.

No entanto, ser da área de saúde pode dificultar ainda mais o processo da amamentação, pois a própria nutriz e as pessoas do seu círculo de convivência parecem não admitirem fracasso, existe a cobrança das pessoas devido ao conhecimento, teoricamente aprendido durante a formação profissional:

[...] o que facilita muito é o fato da gente ser da área de saúde, mas por outro lado a gente se cobra e também é mais cobrado pelas pessoas [...] (E4).

[...] Meu marido, ele dizia: não, mas você vai amamentar; você não ensina isso para suas pacientes no seu trabalho, você vai [...] (E5).

O conhecimento adquirido pelo exercício profissional é visto pelo senso comum como fator determinante para amamentação, portanto, as mulheres se sentem mais pressionadas a amamentar. Dessa forma, a enfermeira ou outra profissional de saúde quando nutriz não deve ser vista como profissional, mas como mãe que irá vivenciar a amamentação, e encontrará situações

prazerosas e conflituosas a essa prática. Neste contexto, a pressão exercida pela própria mulher e/ou por terceiros para que a amamentação aconteça, faz com que o ato de amamentar seja percebido pela nutriz como uma imposição a sua condição de mãe e profissional¹⁵.

No cenário desse estudo, as representações sociais do leite materno como melhor alimento, eficaz para proteção das doenças, do sucesso da amamentação advindo da prática profissional, mostraram-se presentes nas entrevistas. Porém, as representações sociais não têm a preocupação de analisar acertos ou erros do conhecimento, mas sim, entender qual é a função do conhecimento e como se dá a articulação deste nas relações cotidianas⁶.

Assim, a vivência do amamentar muitas vezes é vista apenas como um ato biológico, sem levar em consideração o contexto histórico, social e cultural, no entanto abrange diversos fatores, com diferentes efeitos sobre a dimensão social, que influenciarão no sucesso dessa prática.

CONCLUSÃO

O conhecimento fornecido pelas mulheres demonstrou que apesar do conteúdo teórico prévio e por serem profissionais de saúde, da área materno-infantil, as mesmas quando se tornaram nutriz, vivenciaram processo semelhante ao de outras mães.

Essa similaridade nos comportamentos pode estar condicionada ao fato de que a amamentação é uma prática que não depende apenas do conhecimento científico, pois recebe influências dos fatores históricos, sociais, culturais, além dos atores da sua rede social: profissionais de saúde e familiares.

O senso comum das enfermeiras, compartilhados por outras mulheres, revelou os significados da prática pessoal da amamentação expressas por representações como ambivalência de sentimentos, processo difícil, porém prazeroso, resultando em realização pessoal, contato íntimo com o filho e empoderamento materno em alimentar o seu bebê.

Estas representações sociais que emergiram das falas das participantes, estão em consonância com outros estudos, a partir da reinterpretação e resignificação do amamentar que necessitam ser compreendidas e levadas em consideração por todos os profissionais de saúde, sobretudo os de enfermagem. Assim, as práticas assistenciais centradas na amamentação, direcionadas às mulheres, independente da escolaridade, devem envolver as dimensões pessoais, familiares, sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

1. Kramer MS, Aboud F, Mironova E. Breastfeeding and child cognitive development. New evidence from a large

- randomized trial. *Arch gen psychiatr.* 2008; 65:578-84.
2. Andrade MP, Oliveira MIV, Filho JGB, Bezerra MGA, Almeida LS, Veras MAC. Desmame precoce: vivência entre mães atendidas em unidade básica de saúde em Fortaleza-Ceará. *Rev RENE.* 2009; 10:104-13.
 3. Carrascoza KC, Possobon RF, Ambrosano GMB, Costa Júnior AL, Moraes ABA. Determinantes do abandono do aleitamento materno exclusivo em crianças assistidas por programa interdisciplinar de promoção à amamentação. *Ciênc saúde coletiva.* 2011; 16:4139-46.
 4. Ciampone MH, Tonete VLP, Pettengill MAM, Chubaci RYS. Representações sociais da equipe de enfermagem sobre a criança desnutrida e sua família. *Rev Latino-Am Enferm.* 1999; 7:17-24.
 5. Silveira JLG, Weise CM. Representações sociais das mães de crianças portadoras de fissuras labiopalatinas sobre aleitamento. *Pesqui bras Odontopedria clín integr.* 2008; 8:215-21.
 6. Buchala LM, Moraes MS. Amamentação vivenciada com sucesso por um grupo de mulheres. *Arq ciências saúde UNIPAR.* 2006; 12:177-82.
 7. Osório CM, Queiroz ABA. Representações sociais de mulheres sobre a amamentação: teste de associação livre de ideias acerca da interrupção precoce do aleitamento materno exclusivo. *Esc Anna Nery.* 2007; 11:261-7.
 8. Polit DF, Beck CT. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: Avaliação de evidências para a prática de enfermagem métodos. 7ª ed. Porto Alegre (RS): Artmed; 2011.
 9. Bardin L. Análise de conteúdo. 6ª ed. Lisboa (Por): Edições 70; 2011.
 10. Anadón MS, Machado PB. Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais. 2ª ed. Salvador (BA): UNEB; 2003.
 11. Rocha NB, Garbin AJI, Garbin CAS, Moimaz SAS. O ato de amamentar: um estudo qualitativo. *Physis (Rio de Janeiro).* 2010; 20:1293-305.
 12. Almeida IS, Bazílio Ribeiro IB, Rodrigues BMRD, Costa CCP, Freitas NS, Vargas EB. Amamentação para mães primíparas: perspectivas e intencionalidades do enfermeiro ao orientar. *Cogitare enferm.* 2010;15:19-25.
 13. Moscovici, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 7ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes; 2010.
 14. Pontes CM, Alexandrino AC, Osório MM. O envolvimento paterno no processo da amamentação: propostas de incentivos. *Rev Bras Saude Mater Infant.* 2009; 9:399-408.
 15. Souza MHLN, Souza IEO, Tocantins FR. Abordagem da fenomenologia sociológica na investigação da mulher que amamenta. *Rev enferm UERJ.* 2009; 17:52-6.
 16. Marques ES, Cotta RMM, Araújo RMA. Representações sociais de mulheres que amamentam sobre a amamentação e o uso de chupeta. *Rev Bras Enferm.* 2009; 62:562-9.